

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 10– maio, 2015

CONEXÕES IMPERFEITAS

Ierecê Barbosa¹

Entrei no avião e me dirigi ao meu assento. Na janela, vi uma senhora pálida, vestida de preto. Na cadeira do corredor outra, bem mais idosa, usando branco. Pedi licença e a do corredor se levantou, aí sentei entre as duas. Lugarzinho chato! - pensei. Já acomodada, fiquei por ali e liguei a TV, sintonizei em um canal de notícias e soube, naquela hora, da execução do brasileiro, na Indonésia. A senhora de preto falou:

- Imagino como deve estar a mãe dele, pois é muito duro perder um filho, ainda mais nessas condições. Eu perdi minha filha e ainda não superei.

- Lamento, mas a vida tem dessas coisas. Estamos aqui de passagem e um dia vamos nos encontrar com todos os nossos que se foram. - Falei só por falar, fui pega de surpresa.

A que estava vestida de branco entrou na conversa:

- Dói muito, mas Deus fornece a conformação. Perdi meu filho de modo brusco, foi morto em um assalto e custei a me conformar. Mas não foi surpresa, ele se meteu com gente que não prestava e deu no que deu. Foi algo muito estranho para mim. Eu tive muitos sentimentos desconhecidos. Ao mesmo tempo que doía aos extremos eu experimentava uma outra sensação, uma espécie de bem estar. Passei a dormir melhor, pois o pior já tinha acontecido, eu não alimentava mais aquela ansiedade louca, sempre sobressaltada quando tocava o telefone. Aí senti culpa, era como se eu estivesse aliviada pela morte do meu filho. Foi quando procurei ajuda especializada, o psicólogo fez o papel de padre, me absolveu da culpa, fez com que eu entendesse meus sentimentos. Vocês não calculam o que é ter um filho drogado, a família toda adoce, por isso passei a dormir bem após a perda. Não faltava mais nada acontecer. Vocês entendem?

- Sim. – disse timidamente.

A senhora de preto, aproveitou a lacuna discursiva e falou:

- Meu luto é simbólico. Minha filha não morreu de fato. Morreu para mim. Começou a namorar um religioso de uma seita maluca e como eu impliquei com o namoro, pois estava prevendo que ela iria sofrer, ele falou para ela que eu compactuava com “o coisa ruim” e jogou minha filha contra mim. Sofri muito e mais ainda quando ela completou dezoito anos, pois fugiu com ele para outro país e nunca mais tive notícias. Também estou fazendo terapia, estou de luto e espero superar.

- Vai superar, é questão de tempo. – falei e aproveitei para mudar de canal.

A de branco puxou um livro de autoajuda e começou a ler. A vestida de preto tomou remédio para dormir e em cinco minutos estava roncando.

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 10– maio, 2015

Fiquei refletindo sobre os dois lutos. Um real e outro simbólico. Qual deles doía mais? Difícil responder. Duas perdas desnecessárias, duas mães buscando superar suas dores de modo peculiar. Lembrei-me de minha avó e de uma frase dita por ela um dia em que falávamos das dores do parto: “não há dor maior do que a de perder um filho”. Entretanto, achei a senhora do luto simbólico muito mais baqueada do que a do luto real, tanto em seu estado físico quanto psicológico, o remédio para dormir era um mau sinal.

Enquanto nosso avião se estabilizava em altitude de cruzeiro eu procurava organizar minha mente e trocava seguidamente de canal. Nada de interessante! Continuei então a pensar na dificuldade que temos em trabalhar nossas perdas, pois isso não se aprende na escola.

Por que não dei uma mãozinha? É simples, o luto, real ou simbólico tem fases e eu não sabia em que fase do luto cada uma se encontrava. Dependendo da fase, aprofundar a conversa é prejudicial. A fase de entorpecimento pode durar horas, semanas, meses e pode manifestar explosões agressivas se conectadas a outros medos ou perdas. A fase de anseio pelo ser perdido é dolorosa demais, as mães sentem o filho chegando, abrindo as portas, fazendo coisas características do seu modo de ser. Mas logo depois cai a ficha e uma explosão de raiva pode levá-las a uma parada cardíaca ou outro mal estar grave, principalmente se há culpa, muitas acham que negligenciaram ou que poderiam ter feito algo mais. É importante que as pessoas enlutadas suportem a gangorra emocional até conseguirem o necessário equilíbrio para a superação. Nunca se sabe como estão correlacionados pensamentos, sentimentos e comportamentos de pessoas frente às perdas dolorosas, deixar quieto em situações estressoras é o melhor a fazer.

Logo depois, acabei dando uma mãozinha na senhora do luto simbólico. Ela teria que descer na primeira escala e dormia pesado, bastante sedada. Foi uma luta acordá-la. Desceu em cadeira de rodas, pois não se aguentava em pé. Olhei para a senhora do luto real e falei:

- Quanto mais longo o luto, maior o sofrimento.

Ela me olhou bem séria e perguntou:

Você já amargou uma perda assim?

- Não senhora. Pensei em completar a frase: “graças a Deus!”, mas abortei a verbalização.

- Então, sua percepção sobre o luto é tão simbólica quanto o luto dela. Por mais que tente entender, sempre será apenas uma representação.

- Concordo plenamente. Falei em tom carinhoso.

Seu tom de voz foi tão firme que deu para sentir a revolta contida, pronta para explodir. Abri a revista, fingindo interesse. Constatei três coisas. Primeira, nem tudo que parece é. Segunda, alguns lutos são para sempre. Terceira, se mãe sabe das coisas, mãe enlutada sabe muito mais.